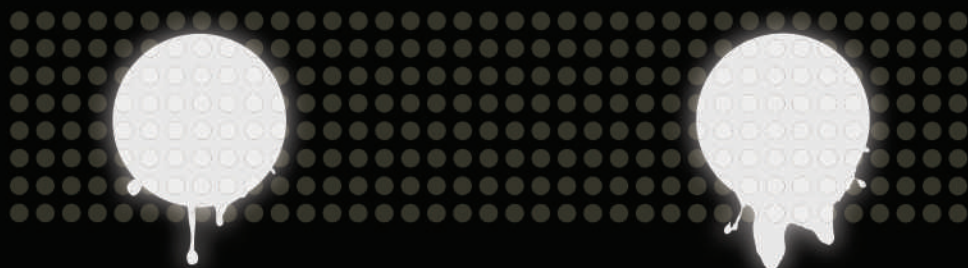
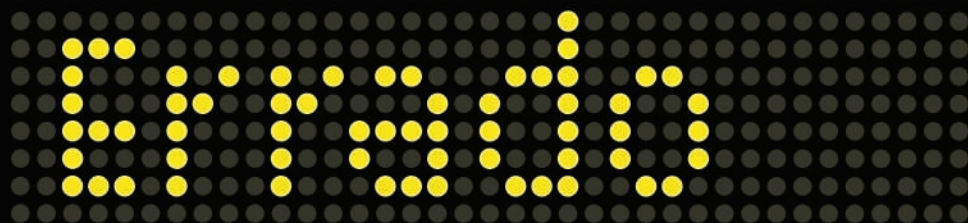
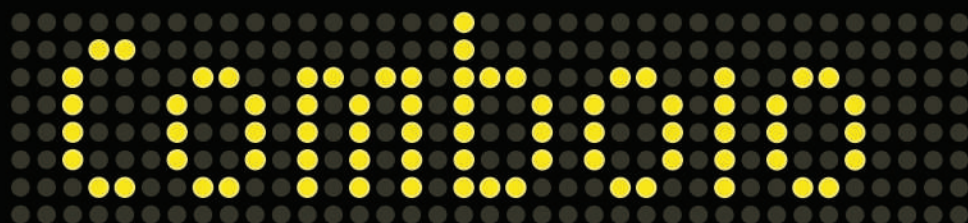


Jeremy de Quidt



*Cuidado para não saíres
na estação errada...*





TOPSELLER#BLISS É PARA TI,
PORQUE ÉS JOVEM, IRREVERENTE,
APAIXONADO E APAIXONANTE!

LIVROS FEITOS À TUA MEDIDA,
HISTÓRIAS COM GARRA E COM VIDA.

SÃO OS HERÓIS QUE AMAS.
SÃO COMÉDIAS E SÃO DRAMAS.

SUSPENSE, AVENTURA,
MISTÉRIO E HORROR,
SONHOS, FANTASIA,
CONTOS DE ETERNO AMOR.

PÁGINAS EMOCIONANTES,
ENREDOS DESAFIANTES.

SÓ MAIS UM CAPÍTULO,
MAIS DOIS, MAIS TRÊS,
A ÂNSIA DE LER TUDO,
TUDO DE UMA SÓ VEZ.

É MAGIA, PERSONALIDADE, DISTOPIA.
UM MUNDO INTEIRO AO ALCANCE DA TUA MÃO.

TOPSELLER#BLISS É PARA TI,
QUE VIVES COM PAIXÃO.

*Para Lizzie, Jack, Alice e Bea,
os mesmos marinheiros adoráveis,
a mesma peneira furada.*

De início, o rapaz não se apercebeu do que fizera, pois o comboio estava onde o último comboio deveria estar — um pequeno comboio a diesel de duas carruagens, ao fundo da plataforma —, e correria o mais rapidamente possível para o apanhar.

Sentou-se, pousando os pés no assento em frente ao seu e tentando recuperar o fôlego. Olhou para a longa fila de janelas escuras que se estendia à sua frente, com faixas de luzes refletidas no vidro, e, nem aí, caiu a ficha. Normalmente, havia pelo menos meia dúzia de pessoas no último comboio, mas a carruagem encontrava-se vazia. Só lá estava ele.

O telemóvel ainda tinha bateria suficiente para ligar ao pai e dizer-lhe que apanhara o comboio,

para que o fosse buscar à estação. Contudo, quando tentou fazer a chamada, desligou-se. Não tinha importância, pois o pai estaria à sua espera, e só faltavam três estações.

Aos poucos, porém, começou a aperceber-se de que havia algo de errado — a ideia de que já deveria ter chegado à estação seguinte por aquela altura começou a formar-se na sua cabeça, como uma criança a puxar-lhe a manga para chamar a atenção. Sentou-se direito. Com as mãos em concha junto aos olhos, para ocultar as luzes da caruagem, espreitou pela janela. Lá fora, imperava a escuridão, e era isso que estava errado. A respiração dele condensava-se contra o vidro frio, embaçando-o. Limpou-o e voltou a olhar, mas não havia nada para ver. Apenas escuridão.

O que começara por ser uma suspeita tornou-se, então, uma certeza quando o comboio continuou a rolar e nenhuma luz familiar passou pela janela — nem o viaduto que atravessava a estrada, nem os projetores da estação de serviço.

Não seguia no comboio certo.

Encostou o rosto ao vidro e olhou para o exterior, tentando perceber onde se encontrava, mas não havia qualquer pista, nem uma — nenhuma estação, nenhuma tabuleta, nada. Queria desesperadamente que o comboio parasse, para que

pudesse sair, mas as carruagens limitaram-se a seguir viagem. Uns 15 minutos — ou 20? Permaneceu sentado, a olhar, impotente, para a carruagem vazia e para os espelhos escuros das janelas, enquanto o som da locomotiva a diesel continuava a zumbir, levando-o sabe-se lá para onde.

Por fim, o comboio começou a abrandar. Ao longo de vários minutos, arrastou-se pela linha como se estivesse prestes a parar, mas nunca o chegando a fazer, e, de cada vez que o rapaz pensava que pararia, voltava a ganhar velocidade. Finalmente, parou de repente, no escuro. O rapaz nem sequer conseguia perceber se estava numa estação, pois, ao espreitar pela janela, com as mãos em concha, via apenas umas quantas luzes e um muro baixo de cimento. A luz do botão da porta acendeu-se, e sair do comboio pareceu-lhe uma melhor opção do que permanecer ali dentro. Assim, levantou-se e desceu para a plataforma escura e fria, antes sequer de ponderar se seria, realmente, uma boa ideia.

Ao ouvir as portas do comboio a fecharem-se atrás de si, e o motor a acelerar e a afastar-se, deixando-o ali no escuro e ao frio, o rapaz percebeu que, afinal, talvez não tivesse sido uma boa ideia. A plataforma estava deserta, mas já nada havia a fazer. Ficou a observar as luzes do comboio

a desaparecer. Quando o ruído do comboio deixou de se ouvir, não restou som algum.

Apenas o silêncio.

Nem parecia estar numa estação a sério. A placa de cimento na parede estendia-se até às traseiras e havia um pequeno abrigo com um banco, mas nada mais — nem uma bilheteira, nem uma máquina. Nem sequer uma tabuleta a indicar onde estava. Conseguia ver a ponta da plataforma a descer para os carris, e havia três postes de iluminação, mas a luz que emitiam era estreita e fraca. Não havia casas, nem candeeiros de rua. Tanto quanto podia vislumbrar, nem sequer havia uma rua, nem mesmo degraus que levassem a uma rua. Tratava-se apenas de uma plataforma, escura e sossegada, no meio de nenhures.

Puxou o casaco, aconchegando-se, e tentou rir-se da estupidez do que fizera, mas, no silêncio frio, o seu riso caiu-lhe dos lábios como um pássaro atingido a tiro, fazendo-o sentir-se ainda mais só. Sentou-se no banco, levantando a gola para se proteger do frio, e perguntou-se o que raio iria fazer.

Permaneceu assim bastante tempo até reparar na luz.

De início, era tão pequena que o rapaz não tinha a certeza do que se tratava — apenas um pequeno pontinho a baloiçar para a frente e para trás.

Porém, à medida que se aproximava lentamente e aumentava, percebeu que era uma lanterna.

Não, não era uma lanterna.

Era uma candeia.

Uma candeia de vidro.

Alguém caminhava pelos carris, em direção a ele, vindo da escuridão, a empunhar uma candeia.

O rapaz endireitou-se no banco, sem saber o que pensar. Contudo, à medida que a luz se aproximava, subindo lentamente a rampa da plataforma, quaisquer receios que pudesse ter desfizeram-se ao ver que era empunhada por um velhote. O homem segurava a candeia numa mão e, na outra, um saco de compras e uma trela amarrada a um pequeno cãozinho. Caminhava sem pressa e, ao passar pelo banco, parou para observar o rapaz, devolvendo depois o olhar à plataforma naquela forma vaga e indecisa típica das crianças e das pessoas mais velhas. O cãozinho cheirou os sapatos do rapaz.

O rapaz permaneceu sentado a olhar para o homem — para a gola puída e a gravata engordurada, a gabardina fina, a alça em pele sintética barata e rasgada do saco de compras, os sapatos gastos e o cãozinho cinzento com um ar desgrenhado. Umas quantas folhas mortas e flores murchas espreitavam da boca do saco, o que lhe pareceu um pouco estranho.

O rapaz sorriu, apologético.

— Desculpe — disse ele —, mas será que me sabe dizer quando passa o próximo comboio? Entrei no comboio errado e preciso de apanhar outro na direção contrária.

O velhote olhou para ele de relance, mas não respondeu. O rapaz não percebeu se ele o tinha ouvido, pelo que voltou a perguntar e, desta vez, o homem virou a cabeça e olhou para ele.

— Isto não é uma estação — respondeu, com um sorriso. — É um Posto Ferroviário. Estás num Posto Ferroviário.

O homem tinha uma voz estranha, entre o melodioso e uma cana rachada. Se não lhe tivesse visto o rosto, tanto poderia ser de um homem como de uma mulher.

— Desculpe, mas não compreendo — disse o rapaz.

O homem olhou para trás, para a linha do comboio, e, levantando a mão que segurava a trela e o saco, apontou para os carris.

— É o que os trabalhadores dos caminhos de ferro usam quando fazem reparações na via — explicou. — Não é uma estação.

— Mas o comboio parou aqui — contestou o rapaz. — E eu saí.

— Bom, não devias ter saído — respondeu o homem, rindo-se. — Não devias ter feito isso de

todo. Eu não teria aparecido se não o tivesses feito.

O rapaz também não compreendeu o que o homem queria dizer com aquilo, mas o velhote sentou-se ao seu lado no banco, mostrando-lhe um sorriso tranquilizador, e o rapaz retribuiu-lhe o sorriso. De perto, as roupas do homem cheiravam a detergente da roupa e a tecido velho; era um aroma acolhedor, como uma chávena de chá ou um quiosque. O homem pousou a candeia no chão, entre os pés, iluminando-lhe as meias e os sapatos e o pelo cinzento e encardido do cãozinho. O rapaz conseguia, agora, ver-lhe os olhos, que lacrimejavam com o ar gelado da noite. O homem voltou a sorrir.

— Se estiveres preso aqui — disse ele —, é melhor que eu e o *Toby* te façamos companhia. Pelo menos, até o teu comboio chegar. Temos muito tempo, o *Toby* e eu.

O cãozinho olhou para cima e abanou a cauda.

O rapaz aconchegou ainda mais o casaco ao pescoço, expulsando as bolsas de ar gelado, e cruzou os braços em volta do corpo para manter o calor lá dentro.

— Não vale a pena — disse o rapaz. — A sério, eu estou bem... desde que eu tenha a certeza de que vem aí outro comboio.

Porém, ao proferir aquelas palavras, olhou para a plataforma vazia e, para ser sincero consigo mesmo, pensou que apreciaria a companhia.

— Não me passaria pela cabeça deixar-te sozinho — disse o velhote. — Não agora que saíste do comboio. Não seria correto deixar-te aqui sozinho, pois não? — O homem sorriu e, dobrando-se para a frente, afagou as orelhas do cãozinho.

O rapaz franziu o sobrolho.

— Vai parar, não vai? — perguntou ele, olhando para a plataforma deserta.

— Claro que sim — respondeu o homem. — Basta que faças sinal para ele parar e não haverá problema.

Ficaram ali sentados, em silêncio, por algum tempo. O homem não disse nada; ficou a olhar para a escuridão, ao fundo da plataforma, batendo com os sapatos no chão gelado, um e depois o outro, como se o fizesse ao ritmo de uma música interior, enquanto esperava que as luzes do comboio aparecessem. O rapaz começou a pensar que as coisas não tinham corrido assim tão mal. Só tinha de esperar pelo comboio. Se pelo menos tivesse podido ligar ao pai, não se importaria nada com a situação.

Expirou, formando nuvens com a respiração, tentando empilhá-las umas em cima das outras.

A novidade dessa experiência começava já a desgastar-se quando o homem se virou e olhou para ele.

— Vamos fazer o seguinte — disse. — Eu conto-te uma história enquanto esperamos pelo teu comboio... Uma bela história vai ajudar a passar o tempo. Já faz algum tempo que não conto uma das minhas histórias a alguém.

— Não é preciso — disse o rapaz. — A sério, eu estou bem.

O homem sorriu, embora desta vez parecesse que sorria mais para si do que para o rapaz.

— Tens um irmão mais novo? — perguntou.

Havia algo tão penetrante nos olhos que o fitavam, naquele rosto velho, que o rapaz não precisou de responder.

— Bem me parecia — continuou o homem. — Conheço uma história sobre uma rapariga e o seu irmão mais novo. Conto-te essa se quiseres. Vai ajudar a passar o tempo.

O rapaz assentiu com a cabeça, resignado.

— OK, pode ser — disse.

— Perfeito — respondeu o homem num tom alegre e, voltando a encostar-se no banco, respirou fundo e começou.

Aconteceu tudo de forma tão natural, à medida que o homem falava, que o rapaz não sabia

dizer quando é que a plataforma desapareceu e a pequena casa surgiu. Porém, quando aconteceu, já não havia plataforma alguma à sua volta — havia apenas a sensação de um céu de um dia de verão, e folhas verdes, e uma rapariga num trilho de terra batida que levava a uma pequena casa.

A Velinha da Ama



A ideia da mudança fora da sua mãe.
— Bebê novo, casa nova — dissera.

Contudo, o bebê não era do pai de Cassie, e Cassie já não tinha pai, não desde que ele o descobrira. Por isso, agora eram só Cassie, a mãe e o bebê.

— Vai ser maravilhoso — insistia a mãe. — Tudo o que não tinhas na cidade, tudo o que sempre quíseste... um grande jardim, árvores para trepar. Podes descer o trilha e apanhar o autocarro para a escola nova quando começar o ano letivo, no outono. Vai ser tudo muito simples.

Porém, agora Cassie tinha 13 anos. Desejara a árvore e o jardim aos 8 anos, não agora. A mãe parecia não conseguir perceber isso. Nem sequer iria para a sua antiga escola. Tudo tinha de ser novo

— o novo sorriso da mãe, os novos planos da mãe, o novo bebé da mãe — tudo.

Tudo, exceto o bangaló ao fundo do trilho. Não havia nada de novo naquela casa. Datava da década de 1930 — um pequeno jardim, um pequeno pomar, tudo num estado praticamente selvagem. Quando a senhora idosa que ali morava morreu, a casa permanecera tal como ela a havia deixado. Nem sequer tinham tirado as coisas dela. Passado um ano, tinha sido posta a arrendar — com uma grande tabuleta vermelha ao fundo do trilho —, e fora assim que a mãe de Cassie a descobrira.

Estava a cair aos pedaços, mas era barata. Quando se mudaram para lá, a mobília da senhora idosa ainda lá estava — não as camas e os lençóis, esses tinham sido levados, mas tudo o resto: cadeiras, mesas, uma barra de sabão rachada no parapeito da janela, páginas velhas da revista *Women's Weekly* coladas na parede com fita-cola. A licença de televisão presa a um dos lados do espelho da cozinha. Havia até um calendário com as consultas dela no hospital marcadas a caneta.

Cheirava a humidade. Sentia-se a humidade.

— Vai desaparecer a humidade quando limparmos a casa e a arejarmos — dissera a mãe de Cassie, começando a dançar pela casa, a cantarolar uma canção alegre de limpezas, como se fosse uma princesa num

filme, enquanto abria as janelas, cujos vidros estavam todos sujos da chuva e do pó. — Escuta, Cassie — dissera ela, junto a uma das janelas, e Cassie escutara. Não se ouvia nada, apenas os pássaros a cantar e os insetos no pomar. Nenhum burburinho de rua, de carros, nenhum ruído. Nada da sua antiga vida. — Estás a ver, querida? — dissera a mãe, a sorrir. — Estás a ver?

A cozinha era minúscula, com um par de prateleiras pintadas, um fogão a gás com duas bocas e azulejos de linóleo no chão. Uma pequena chave enferrujada que não pertencia a fechadura alguma pendia amarrada a um fio na despensa, como se estivesse ali desde sempre.

O quarto de Cassie ficava nas traseiras. Da janela, conseguia ver o chão do pomar repleto de urtigas e de ervas. Havia 13 macieiras e, para lá delas, na fronteira com os campos abertos, uma tina para recolher a água da chuva e um velho anexo de tijolo e argamassa cujo teto caía.

Havia tanto trabalho a fazer, tanto a limpar. No entanto, por vezes faltava a água e a eletricidade, e, quando tal acontecia, a mãe ligava do telemóvel para a agência de arrendamento, mas a rede era tão fraca que ela mal se conseguia fazer ouvir, acabando a gritar com eles.

Às vezes, Cassie, depois de se ir deitar, ouvia a mãe ligar a «Michael», fosse lá ele quem fosse, e também acabava a gritar com ele.

E ainda havia o bebé.

Todas aquelas vezes que a mãe lhes dissera, a ela e ao pai, que estivera a trabalhar até tarde, bom, nem sempre fora a trabalhar, pois não?

A mãe chamara «Níall» ao bebé, que soava como o rio Nilo em inglês. Cassie chamava-lhe apenas «o bebé».

— O nome dele é Níall — dizia a mãe. Ela não desistia de tentar fazer com que Cassie dissesse o nome dele, mas Cassie não queria. Se ele não existisse, as coisas não teriam mudado, pois não? Estaria na sua antiga casa com a mãe e o pai, e seriam apenas eles os três, como sempre havia sido.

Mas não era.

Ela nem sequer queria pegar no bebé. Só de pensar na mãe a pegar nele, sentia-se doente.

— Vá lá, experimenta — dizia a mãe, mas Cassie não pegava nele. A mãe roçava o rosto no cabelo negro e suave do bebé e dizia: — Cheira a bolachas e a baunilha. Vá lá, quando pegares nele, vais adorar. — Mas Cassie não queria, e a mãe acabava por virar costas, permanecendo à porta das traseiras, com o bebé ao colo, a olhar para o tapete espesso de urtigas e de ervas do pomar. Cassie quase não se importava se ela estava a chorar ou não, pois o bebé chorava o suficiente pelos dois.

Praticamente não parava de chorar, pelo menos era o que Cassie achava.

Não que o que ela achasse parecesse importar a quem quer que fosse. Nem sequer podia falar com os seus antigos amigos sobre o assunto porque a rede de telemóvel era péssima.

Assim, Cassie fez o melhor que pôde, dadas as circunstâncias; deitada na cama a ouvir música, ou o choro de Níall, ou a mãe a fingir que estava tudo maravilhosamente bem, como se vivessem num mundo de princesas.

Foi então que Cassie encontrou a caixinha de madeira.

Estava no anexo. Cassie foi até lá, atravessando o pomar, abrindo caminho pelas urtigas altas com um pau. O estuque das paredes estava manchado de ferrugem e repleto de bolor amarelado, e havia um grande pote de metal com uma mistura de folhas molhadas que libertaram um fedor quando ela as remexeu. O chão estava coberto de telhas partidas, galhos e fezes de pombo. A um canto, viu uma caixa de madeira — pouco maior do que uma caixa de sapatos. A madeira estava deformada e manchada pelas intempéries, e, à frente, tinha uma pequena fechadura em latão. Estava bem fechada. Chocalhava quando Cassie a abanava, pelo que deveria ter qualquer coisa lá dentro. Cassie levou-a consigo, atravessando novamente as urtigas.

— Não deve haver nada de valor aí dentro — disse a mãe, enquanto Cassie vasculhava as gavetas da cozinha à procura de um saca-rolhas para forçar a fechadura. — É provável que sejam só ferramentas velhas.

Mas Cassie não se importava.

Só que não conseguia encontrar um saca-rolhas.

Como se alguém lhe tivesse sussurrado a ideia ao ouvido, lembrou-se subitamente da pequena chave enferrujada pendurada num fio, na despensa.

Parecia ter o tamanho certo. Arrancou-a do fio e experimentou-a na fechadura.

Bíngo!

Com um pouco de esforço e cuidado, a chave girou.

Cassie mal conseguia acreditar na sua desilusão. Havia quatro velas velhas na caixa, nada mais. Estavam embrulhadas em papel de cera amarelado, três brancas e uma negra. A negra estava suja e engorurada. Cassie teve de limpar os dedos à camisola por lhe ter tocado.

— Eu disse-te que não devia ter nada de valor — disse a mãe, ali especada com Níall apoiado na anca.

— Acho que estão boas — disse Cassie, sem saber bem porquê, pois não estavam nada boas. Ainda conseguia sentir a gordura da vela negra na ponta dos dedos. A mãe disse-lhe para voltar a pôr

as velas onde as encontrara, mas Cassie não quis. Agora eram dela. Colocou-as no toucador da velhota, que ficara no seu quarto.

Continuavam lá quando se foi deitar.

Cassie não tencionara acendê-las, e, se a sua lanterna não tivesse as pilhas gastas quando foi para a cama, não o teria feito. Porém, quando a eletricidade falhou naquela noite após o jantar, aquelas eram as únicas velas de que dispunham. Em vez de ir para a cama às escuras, Cassie colocou as velas num prato com água no toucador e acendeu-as com um fósforo. Primeiro as brancas e depois, com o resto do fósforo quase a queimar-lhe os dedos, acendeu a negra.

Deitou-se na cama a observar as sombras tremeluzentes que subiam e avançavam pela parede. A mãe de Cassie já se tinha ido deitar. Conseguia ouvir o som do choro de Niall através das paredes finas e a mãe a sossegá-lo e a cantar-lhe canções de embalar, como costumava fazer a Cassie quando ela chorava.

Mas a mãe já não lhe cantava canções.

Cassie socou a almofada para a alisar e, com as velas ainda a arder e as sombras a aproximarem-se pelas paredes, pôs os auscultadores nos ouvidos, aumentou o volume para abafar o som do bebé e fechou os olhos.

Deixou que as palavras e a música a inundassem. Os lençóis estavam frescos e sentia o corpo estendido

e quieto. Ficou ali deitada, imóvel, com a música na cabeça. Havia, porém, o sussurro de uma frase, numa das canções, em que nunca reparara antes. Alguém falava ao som da música, mas destoava da canção. Era uma voz esganiçada, como a de uma mulher idosa.

— ... O nó da forca apagou a minha luz, arde, velinha, arde bem e vivaz...

Uma e outra vez.

Ouviu-a novamente na canção seguinte e, por fim, lentamente, como se chegasse a si atravessando um líquido viscoso, Cassie apercebeu-se de que nenhuma das músicas era assim, e que estava a sonhar.

Abriu os olhos, mas percebeu que o sonho ainda decorria porque o quarto que viu não era o seu. Era uma cozinha fria e vazia, e, no lugar do toucador, estava um fogão de ferro com uma prateleira por cima. Havia uma manta de retalhos suja estendida sobre o chão de pedra. Havia uma cadeira e uma mesa com alguns tijolos, vermelhos e castanhos. Cassie sabia que a divisão estava bastante escura porque era de noite, mas, como num sonho, não questionou por um instante o facto de ser capaz de ver tudo o que ali estava com perfeita clareza, até o pormenor da cor dos tijolos. Na prateleira por cima do fogão, havia uma vela negra, cuja chama ardia com um fumo sujo e gorduroso, como se a vela fosse feita de gordura

e de pele, e não de cera. A chama desviava-se preguiçosamente com a corrente de ar, mas não projetava luz alguma, nem sombras. Quanto muito, tornava a divisão ainda mais escura.

Cassie permaneceu ali deitada, observando a cozinha e a vela.

Entretanto, o trinco da porta levantou-se e entrou uma mulher idosa. Vestia-se como já mais ninguém se vestia — uma saia comprida e grossa, uma touca preta e um xaile — e trazia uma saca de couro. Pousou-a sobre a mesa. Havia algo dentro da saca, mas Cassie não conseguia ver o que era. Ouviu Niall a chorar — até nos seus sonhos tinha de o ouvir. Parecia que a mulher também o conseguia ouvir, pois lançou um olhar irritado à saca, como se o choro viesse de lá. Mas não fez mais nada. Virou o porta-moedas sobre a mesa e começou a contar uma mão-cheia de moedas. Depois, recolheu-as para a mão e, atravessando a divisão, deitou-as para dentro de um frasco, na prateleira ao lado da vela. A chama tremeluziu, escura.

Só então a mulher se virou e olhou para a saca. Tinha, agora, uma expressão diferente no rosto — maléfica e determinada. Levantou o olhar, dirigindo-o diretamente para Cassie. Esta limitou-se a observar, calada, enquanto a mulher retirou um pano da prateleira e começou a dobrá-lo num pequeno quadrado.

Quando terminou, voltou à mesa e abriu a saca. O som do choro tornou-se subitamente mais alto e Cassie apercebeu-se de que vinha de dentro da saca, e não de Níall. Com uma mão, a mulher manteve a saca aberta e, com a outra, introduziu o pano dobrado e, pressionando, permaneceu assim até o choro cessar por completo.

Quando já não se ouvia barulho algum, levantou o olhar da saca e sorriu para Cassie. Era um sorriso cruel. Pegou nos tijolos e colocou-os na saca, fechando-a bem.

No momento seguinte, Cassie já não se encontrava na cozinha. Estava na margem de um rio, junto a uma piscina natural profunda, e estava escuro e frio. Viu uma saca de couro a afundar-se lentamente, para fora de vista.

Assustada, abriu bem os olhos. A ondulação da piscina escura e a margem do rio tinham desaparecido.

Via-se a luz do sol refletida na almofada, ao lado do seu rosto. Sentou-se na cama, com um salto, e olhou em volta pelo quarto, com a respiração presa no peito. Não se via nada, nem fogão, nem tapete, nem mesa. Por um segundo, poderia dizer exatamente onde eles tinham estado, mas, à medida que olhava em redor, a imagem ia-se desvanecendo até desaparecer por completo. Era apenas o seu quarto, com a luz do sol a entrar. Cassie tremia.

No toucador, as velas tinham derretido e a cera escorria pelo prato numa confusão suja. O quarto cheirava a queimado e a gordura rançosa. Cassie saiu da cama, sentindo o linóleo húmido e frio nos pés. Abriu a janela, com vontade de vomitar, inspiando grandes golfadas de ar fresco.

Sentia-se enjoada.

Devem ter sido as velas, pensou. Tinham dado o dióxido de carbono na escola — talvez tivesse sido isso? Podia ter sufocado e ninguém se teria apercebido. Parecia ter sido envenenada.

Ficou ali, de pé, a respirar o ar fresco e limpo. Conseguiu ouvir a mãe a andar de um lado para o outro na cozinha, o rádio ligado, o som do bebé a chorar.

Como o choro vindo da saca.

Sentia a língua inchada e suja dentro da boca. A cabeça doía-lhe. Sentou-se na beira da cama e tentou não se lembrar do sonho.

Mas não o conseguia esquecer.

Ainda não se sentia bem quando chegou a hora de a mãe ir às compras à vila — à loja maior, ainda para mais. Porém, a mãe não acreditou nela quando Cassie lhe disse que se sentia demasiado doente para ir — já tinha usado aquela desculpa antes para se escapar às compras. Só que desta vez sentia-se mesmo doente, e a mãe não acreditou. Tentou dizer-lhe que

fora por causa do cheiro das velas, tentou contar-lhe o sonho, sobre o bebé na saca. Mas quando lhe contou – sobre o bebé na saca de couro –, o rosto da mãe empalideceu como só acontecia quando estava realmente zangada, e não havia nada que Cassie pudesse dizer ou fazer para melhorar a situação. A mãe chamou-lhe má, egoísta e mimada – e muito mais do que isso, coisas relacionadas com o pai dela, e não com ela. Depois, pôs Niall, o carrinho de bebé e o resto das coisas dele no carro e saiu sem Cassie.

Era sempre assim que tudo acabava agora – com Cassie sozinha e a mãe com o bebé. Dantes, não costumava ser assim.

Dantes, nunca era assim.

A mãe travou a fundo no fim do carreiro. Conduzia assim quando se sentia zangada. O carro derrapou para a estrada e o barulho do motor tornou-se cada vez menor, até não restar mais nada a não ser o silêncio, e um gosto a cera suja na boca de Cassie.

Durante algum tempo, Cassie ficou sentada nos degraus de madeira com os auscultadores nos ouvidos, limitando-se a olhar para o pomar e desejando ter ido com a mãe. Desejando que a mãe voltasse para lhe pedir desculpa.

Mas a mãe não voltou.

Com o passar do tempo, Cassie começou a sentir-se cada vez mais desconfortável ali sentada. Era uma sensação desagradável, que crescia a cada instante. Sabia que estava sozinha, mas parecia que estava ali alguém. Tirou um dos auscultadores do ouvido e olhou em volta do pomar, para o trilho que levava à estrada – mas não estava ali ninguém.

Muito claramente, vindo do interior do bangaló atrás de si, Cassie ouviu um som.

Um bebé a chorar.

Por um instante apenas, pensou que Níall e a mãe tivessem regressado, mas não tinha visto carro algum, por isso não podiam ser eles.

– Mamã?

Não obteve resposta, apenas o som de um bebé a chorar. Não era, contudo, o barulho infernal que Níall fazia – era um som fraco e adoentado, como o miado de um gatinho.

Cassie levantou-se, vacilante. Apoiou-se na ombreira da porta e entrou na cozinha. Tirando o outro auscultador, inclinou a cabeça para o lado e pôs-se novamente à escuta. O som vinha do corredor.

Vinha do seu quarto.

Mais intrigada do que receosa, pois parecia-lhe um gato, Cassie percorreu o corredor estreito e, parando à porta para escutar, girou a maçaneta e abriu-a.

Estava novamente a olhar para a cozinha com o chão de pedra e o fogão em ferro, mas agora era de dia. A mulher estava lá — com o seu xaile, a saia e as botas com botões. Não pareceu reparar em Cassie. Vertia leite quente de uma panela para um biberão em grés — estava um bebé dentro de um cesto, no chão, aos pés da mulher —, mas o leite estava demasiado quente. Vía-se o vapor a subir da panela. Não se pode dar leite a escaldar a um bebé.

A mulher virou-se, olhou fixamente para Cassie e sorriu. Cassie não sabia se aquilo era real, pois o fogão em ferro e o biberão, a mulher e o bebé, não estavam ali. Era apenas o quarto dela, a cama dela e os raios de sol. Acontecera tão rapidamente, como quando pensamos ter visto um pássaro e, ao tornarmos a olhar, percebemos que é apenas uma velha folha castanha, e não sabemos sequer se vimos efetivamente um pássaro.

Foi assim que se passou.

A mulher estava ali.

E depois já não estava.

Cassie permaneceu à porta, a olhar para o quarto vazio, para o edredão puxado para trás, para as suas roupas no chão. A cabeça doía-lhe e não se sentia bem. Agora só lhe apetecia chorar — não queria esperar sozinha pela mãe.

Não ali.

Tirou a chave da porta das traseiras do suporte preso ao frigorífico, trancou a porta e dirigiu-se ao carreiro que levava à estrada, mais abaixo. Havia uma loja na aldeia. A igreja ficava mais perto do que a loja. Havia um banco logo a seguir ao portão. Podia sentar-se ali ao sol e esperar pela mãe.

Andava um homem a cortar a relva. Cassie sentou-se no banco a ouvir o som do corta-relva e a olhar para a estrada, mas aquilo não a fez sentir-se melhor. Deve ter adormecido, pois o relógio da igreja acordou-a.

O sol tinha avançado no céu. Quando abriu os olhos, a primeira coisa que viu entre as lápides foi uma pequena estátua em mármore branco de uma menina a segurar uma pomba. Não reparara nela antes, mas agora o sol incidia precisamente ali. Cassie espreguiçou-se e levantou-se. Dirigiu-se até ao local e leu a inscrição em letras de chumbo:

EM MEMÓRIA DAS CRIANÇAS DE WEIR* POND.
JUNHO DE 1888.

Havia um açude no rio, do outro lado da igreja. Cassie vira-o ao longe — uma espécie de piscina com salgueiros nas margens.

* Açude.

De repente, Cassie reconheceu o lugar...
Uma piscina escura com salgueiros nas margens...
E uma saca de couro a afundar-se, para fora de vista.

Algo gelado tocara nela.

Voltou a olhar para a data e para o tipo de roupa que a menina vestia — para as botas com botões e o xaile.

Conseguia sentir o gosto a cera negra suja na boca.

Não havia nomes no mármore. Dizia apenas «crianças».

Olhou em volta. O homem que estivera a cortar a relva terminara. Guardara o corta-relva e subia o caminho em direção ao portão. Era um homem idoso, de boina na mão. A aldeia estava repleta deles. Cassie tentou pará-lo.

— Desculpe? — chamou ela, bem alto.

Cheirava a suor, a tabaco e a casaco de *tweed*, ao passar por ela.

— O que é isto? — perguntou Cassie, apontando para a estátua de mármore. — Esta estátua.

Mas o homem continuou a andar. Cassie sentiu-se estúpida e zangada por ter sido deixada ali espedada.

Do outro lado do muro da igreja, viu passar o tejadilho do carro da mãe. O carro virou para subir o trilho.

* * *

A mãe dela tinha uma maneira de falar específica quando se zangavam — curta, como uma série de afirmações, sem esperar resposta —, e também não parava o que estava a fazer. Não olhava para Cassie. Já estava a desempacotar as compras quando Cassie regressou ao bangaló, e foi assim que a conversa se desenrolou.

— Dei boleia a uma senhora de idade — disse a mãe, tirando artigos dos sacos que colocara sobre a mesa, arrumando-os nas prateleiras. — Vinha pela estrada que vem da vila. Tinha uma grande saca de couro, e eu pensei: *Ela não pode com aquilo*. Então dei-lhe boleia. Temos de conhecer os habitantes locais, não temos, Cassie, agora que vivemos aqui?

Olhou de relance para Cassie ao dizer aquilo.

— Foi tão simpática com o Niall. Adora crianças pequenas, especialmente os bebés. E sabia tudo sobre o velho chalé que costumava existir aqui antes desta casa. É daí que vem o anexo, diz ela. A senhora é um verdadeiro poço de informação. Na verdade... — A mãe de Cassie hesitou, enquanto deitava os restos do pão no lixo. — Convidei-a para vir cá tomar chá amanhã. Se gostar dela, e for assim tão boa com bebés, podia passar por cá de vez em quando para tomar conta do Niall quando eu tivesse de sair. Afinal, tu nunca estás muito disposta a isso, pois não?

— Desta vez olhou diretamente para Cassie, com a intenção de a fazer sentir-se culpada.

Porém, não era isso que Cassie sentia. Sentia um vazio, uma escuridão, tudo iluminado por uma vela negra e gordurosa.

— Como é que ela se chamava? — perguntou Cassie, baixinho.

Pois já vira uma velha com uma saca de couro.

— Disse-me apenas para lhe chamar Ama da Vela — respondeu a mãe. — Não é amoroso?

Antes de ir para a cama, Cassie atirou o prato com a mixórdia de cera suja para as urtigas, o mais longe da casa que conseguiu. Ouviu o prato a aterrar. Depois, esfregou as mãos o melhor que pôde sob a torneira e deitou-se na sua cama, com a luz acesa, mas não conseguia dormir. Só conseguia pensar na velhota. Pelas paredes, conseguia ouvir Níall a chorar, mas, se escutasse com atenção, ouvia outro choro também — fraco e distante. Um choro que parava, depois recomeçava, mas nunca era o mesmo choro. Era sempre um choro diferente.

Não conseguia deixar de pensar na cozinha com o chão de pedra e o fogão em ferro — quase conseguia ver as suas formas emergirem no quarto iluminado pela lâmpada elétrica. Por fim, vestiu uma camisola e calcorreou, descalça, o corredor escuro que levava

ao quarto da mãe. Sentia-se mais segura ali. Havia um pequeno candeeiro ao lado da cama, de uma luz suave e amarelada. A mãe tinha Níall ao colo. O bebé dormia. Cassie subiu para a cama, para junto dela.

— Por favor, não deixes aquela mulher vir cá a casa — disse ela. — Eu sonhei com uma velhota.

A mãe mudou ligeiramente de posição para poder colocar um braço em volta de Cassie.

O toque era tão quente, tão confortável.

— Não sejas tola — disse a mãe. — Tu não a viste. Era simpática. Era apenas uma velhota simpática.

— Ela não é simpática, mamã — disse Cassie. Olhou para o rosto da mãe. — Podemos mudar de casa? — pediu, em voz baixa. — Não gosto de morar aqui. — E começou a chorar.

A expressão no rosto da mãe endureceu e retirou o braço que envolvia Cassie. Mas continuava a segurar o bebé.

— Bom, vais ter de aprender a gostar — disse a mãe, com firmeza. — Porque é tudo o que temos, e não se fala mais nisso.

Cassie sentiu lágrimas enormes e molhadas nos olhos, que escorreram pelo seu rosto até à almofada. Mas a mãe não voltou a pôr o braço em volta dela.

Passava pouco das 15 horas do dia seguinte quando a mulher chegou.

Cassie tentara tudo para evitar que tal acontecesse, para que a mãe mudasse de ideias, mas nada funcionara. Não havia nada a fazer, a não ser fugir, e Cassie não podia fazer isso. Então, esperou, e agora a mulher estava ali, sentada à pequena mesa, que a mãe pusera.

Seria a mesma mulher que vira no sonho? Cassie não sabia. Olhava constantemente de relance para ela, tentando chegar a alguma conclusão, mas não tinha a certeza.

Por fim, a mãe disse:

— Para de olhar, Cassie! — E depois, para a mulher: — Desculpe, Ama. Hoje, a Cassie deixou as boas maneiras noutro sítio.

A mãe não costumava dizer aquelas coisas — e não dissera «Ama» uma vez, dissera-o uma dúzia de vezes. «Ama, quer mais chá?», «Ama, quer um pedaço de bolo?» Soava tão falso a Cassie, mas a mulher limitava-se a sorrir, a cada vez, e aceitou o chá e aceitou o bolo, e olhou para Cassie, voltando a sorrir.

— Tens um irmãozinho muito lindo — comentou.

— O nome dele é Níall — respondeu Cassie, num tom seco.

— Oh, eu sei disso, querida, a tua mãe disse-me. E aposto que o adoras até não poderes mais, não é verdade? — Virou-se para a mãe de Cassie. — Minha

querida, se alguma vez quiser que eu passe por cá e tome conta dele por um bocado, não me importo nada. Seria uma dádiva para mim, um rapazinho tão adorável quanto ele. — E inclinou-se para a frente para beliscar a bochecha de Níall.

A mãe de Cassie sorriu. Pegou no bule vazio e dirigiu-se à pequena cozinha.

— Vou só buscar mais chá e depois talvez possamos falar sobre o assunto.

— Eu vou — disse Cassie, rapidamente, mas a mãe já tinha ido, deixando-a a sós com a mulher.

A mulher bebericou um pouco de chá, pousou delicadamente a chávena no pires e olhou para Cassie. Mas não era a mulher que estivera ali sentada há um instante.

Era alguém completamente diferente.

Era como um pesadelo a desenrolar-se lentamente à frente de Cassie. A velhota do sonho e esta outra mulher estavam ambas ali ao mesmo tempo, sentadas na mesma cadeira — um rosto sobre o outro —, ambas a falar com ela.

— Então, acendeste-a — disse a mulher do sonho.

Cassie ficou a olhar para ela, boquiaberta. Sentia-se tonta e enjoada. Consequia sentir o gosto de cera suja na língua. Consequia cheirá-la no ar, misturada com o chá e o bolo, completamente resseca e gordurosa.

A mulher sorriu-lhe. Cassie já vira aquele sorriso antes.

— A Ama deixa sempre uma velinha para alumiar o seu regresso — disse a mulher.

Levou um dedo ossudo à garganta e Cassie viu uma contusão azulada e negra no branco da pele enrugada da mulher, ali, por baixo da gola do vestido. Formava uma linha oblíqua à volta do pescoço dela.

— Foi o carrasco quem me fez isto, minha querida — explicou. — Não foi nada justo, quando tudo o que faço é livrar-me das preocupaçõezinhas daquelas raparigas. Dos seus pequenos erros.

Olhando sorrateiramente para Cassie, a mulher pegou na chávena e bebericou mais um pouco de chá. Mas, subitamente, era de novo a mulher que viera lanchar que estava a olhar para si.

— Está tudo bem, bonequinha? Estás tão pálida — disse ela.

De repente, já não era ela outra vez, era o outro rosto. Frio e cruel.

— Como o pequeno erro da tua mamã — disse.

Cassie olhou de relance para Níall, sentado na sua cadeirinha.

— Também posso levá-lo se quiseres. Ponho-o na minha saca de tijolos e acabou-se. A Ama torna tudo melhor. Vais ver.

Cassie tapou os ouvidos para abafar aquelas palavras. Não sabia dizer o que realmente acontecera a seguir, mas a mãe dela estava ali, e a mesa virada ao contrário, e a velhota que viera tomar chá encontrava-se de pé, pálida, encostada à parede, agitando as mãos em frente a Cassie, tentando afastá-la.

Depois, Cassie ficou sozinha na pequena sala, entre as chávenas partidas e o bolo caído no chão, a ouvir o choro de Niall no corredor e a mãe a acompanhar a senhora até à porta, pedindo desculpas, uma e outra vez, dizendo-lhe o quanto lamentava tudo aquilo. Quando a mulher se foi, a mãe voltou para junto de Cassie, com o rosto lívido de raiva — Cassie nunca a vira tão zangada. Niall berrava sem parar nos braços dela, e Cassie não conseguia explicar-lhe o que se passara, porque a mãe não a ouvia — disse que ela fizera aquilo de propósito só para a magoar. Nem a ouviu quando Cassie tentou dizer-lhe que a Ama da Vela vinha buscar Niall. Isso só piorou as coisas.

Cassie estava com tanto medo.

A mãe não falou com ela, nem sequer olhou para ela, durante o resto do dia — nem um beijo de boa noite lhe deu —, e Cassie foi deitar-se sem amor e sozinha.

Então, a eletricidade voltou a falhar.

Cassie ficou deitada, sozinha, no escuro, a ouvir a mãe a andar de um lado para o outro à luz da lanterna, a cantar para Níall, para o sossegar. Depois, quando a mãe se deitou, ficou tudo em silêncio e às escuras. Cassie também deve ter adormecido, pois, quando abriu os olhos, a lua tinha mudado de sítio, e o luar entrava pela janela até chegar à sua almofada. Mas não era o quarto que iluminava. Brilhava numa cozinha com um fogão em ferro e chão de pedra, onde uma vela tremeluzia na escuridão de uma prateleira. Cassie conseguia sentir o cheiro da cera.

Havia uma saca e dois tijolos em cima da mesa e, pelos auscultadores, soltos e emaranhados sobre a almofada, Cassie conseguia ouvir o murmúrio de uma voz.

— ... A Ama torna tudo melhor...

Cassie viu o trinco da porta da cozinha a levantar-se lentamente.

Tinha de ir acordar a mãe. Mas sabia que a mãe não iria acreditar nela.

À medida que a porta se começou a abrir, Cassie saiu da cama e apressou-se pelo corredor. Atrás de si, no escuro, conseguia ouvir o som das botas com botões da Ama da Vela no chão de pedra. O som da Ama da Vela a pegar na sacola e nos tijolos. Sem fazer barulho, Cassie entrou no quarto da mãe.

Se conseguisse esconder Níall, a Ama da Vela não seria capaz de o encontrar. Assim, poderia mantê-lo seguro.

O bebé dormia no berço. Não se mexeu nem um pouco quando ela o tirou de lá. Cheirava a calor e a leite, a bolachas e a baunilha, e o cabelo era muito macio. Consequia senti-lo encostado ao seu rosto. Por que razão nunca havia feito aquilo antes? Embrulhou o cobertor em volta do bebé e levou-o até à porta das traseiras. Havia ali um sítio onde se podiam esconder, debaixo dos degraus das traseiras. A Ama da Vela nunca os iria encontrar lá.

Cassie levou-o lá para fora, para o frio e para o escuro, e acorrou-se com ele debaixo dos degraus. Segurou-o bem contra si. Mas ele começou a contorcer-se.

— Chiu... — disse ela, de pronto. — Assim ela vai ouvir-te...

Porém, o bebé começou a fazer pequenos ruídos ao acordar.

— Não, não, não — disse ela, rapidamente. O pânico crescia-lhe na voz. — Não, não, não chores. Não chores, ou ela encontra-te.

Cassie ouviu a Ama da Vela a aproximar-se.

Quando Níall começou a chorar, Cassie dobrou a ponta do cobertor sobre a boca dele e manteve-a ali, fazendo pressão.

— Chiu... Chiu... — sussurrou Cassie, uma e outra vez, embalando-o nos seus braços até, finalmente, ele não fazer ruído algum.

É tarde. Está escuro. Um rapaz apressa-se para apanhar o comboio, entrando a bordo um segundo antes da partida. De repente, percebe que está no comboio errado. Fica irritado, compreensivelmente, mas não fica assustado.

Ainda...

O rapaz sai na estação seguinte, mas a plataforma está completamente vazia, e não se parece com nenhuma outra estação que ele já tenha visto. Mas o rapaz continua a não estar assustado.

Ainda...

Então, um estranho aproxima-se... alguém com histórias para contar e ajudar a passar o tempo. Mas estas não são como as velhas histórias. Estas histórias são pesadelos, e vêm com um alto preço a pagar.

Ainda não estás assustado?

Mas vais ficar!



«Histórias de terror em todos os sentidos da palavra.

Elas permanecerão na nossa memória muito depois de fecharmos o livro.»

CRIME REVIEW

«Perturbadoramente inovador... com o nível certo de terror.»

BOOKS FOR KEEPS

TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-8869-33-3  9 789898 869333 Literatura Traduzida
--	--